

O início da Família Kloh em Petrópolis

O CLUBE 29 DE JUNHO pretende prestar homenagem a todas as famílias dos descendentes dos colonos alemães, que aqui chegaram entre junho e dezembro de 1845, realizando mensalmente, um almoço de confraternização neste local aprazível, arborizado e de vista admirável para o vale do Bingen, Darmstadt e adjacências. Proporcionando lembranças, daqueles que hoje justificam as nossas vidas. A CAPELA N. SRA. AUXILIADORA, conhecida como Capela do Bingen, antigamente ficava isolada num alto de morro de difícil acesso. Após a abertura da Estrada BR-040, a Capela tornou-se mais conhecida.

A Capela fica situada, nas primitivas terras do prazo n 3286 do colono João Mayer (o 2) e esta família foi que ergueu um pequeno oratório, de cerca de 1 m base e de paredes de pau-a-pique.

No ano de 1900, os Franciscanos (padres), adquiriram da "Viúva Mayer" e de seus filhos, pela importância de um conto de réis, o morro onde existia a capelinha e lhe deram o nome de "Morro de São Francisco".

A construção iniciou-se sob as ordens do Sr. Jorge Justen (mestre de obras) e colaboradores das principais famílias da redondeza como: Winter, Justen, Troyack, Vogel e muitas outras. A capela foi inaugurada em 08/10/1901, sob a direção do Frei Jacob Höfer (capelão).

Darmstadt tornou-se o 1º Bairro (do antigo quarteirão) da cidade com uma capela própria. Em 1917, Frei Mariano passou a ser o Capelão; permaneceu por 25 anos. Em 1951, pelos festejos dos 50 anos, construíram coretos e barracas de pedra e cal no átrio.

Em 03/03/1952, foi inaugurada a Escola Paroquial Santa Maria Goretti e essa escola foi declarada de utilidade pública em 1956.

Hoje com fácil acesso, amplo estacionamento, salão de festas e outras benfeitorias, propicia vários ventos. Este local foi escolhido pelo Clube 29 de Junho, para as comemorações em homenagem às 357 famílias descendentes dos colonos alemães em Petrópolis.

Os colonos germânicos contratados pela presidência da Província do Rio de Janeiro, por intermédio da firma Charles Delrue & Cia., provieram em sua quase totalidade, de uma região denominada Hünserück, cidade montanhosa, situada entre o vale do rio Reno e seus afluentes, rios Mosel, Saar e Nahe; na época fazia parte da Prússia Ocidental. As aldeias de origem desses colonos. pertenciam às paróquias subordinadas a dois bispados: o de Treves (Trier) e o de Mongúncia, (Mainz). Hünserück abrange parte dos antigos ducados: de Nassau e Hesse, do Palatinado, do antigo reino da Westfália e grande parte da Renânia, região banhada pelo rio Reno. Em Trier predomina a religião católica. Em francês Trêves, e em latim Augusta Trevirorum. Em Trier existem ruínas do anfiteatro para 3000 pessoas, construído por Trajano. Quase todas provém do 3º e 4º séculos antes de Cristo, da era romana. Em Trier estão muitos monumentos romanos,

preservados até os dias de hoje. Trier possui importantes vinhedos. Os leilões anuais de vinhos do Mosela e do Saar são amplamente conhecidos. Augusta Trevirorum é a velha capital dos Celtas Treviver. Foi fortificada pelo Imperador Augusto, para segurança da fronteira do Reno. Do ano 256 a 400 serviu de residência dos imperadores do Ocidente (Westen-Oeste). Em 455, a cidade caiu em poder dos francos e no século V, por diversas vezes destruíram a cidade. Somente em 1580, tiraram-lhe a autonomia.

A FAMILIA KLOH: Konrad Kloh veio para Petrópolis com sua família em 1845. Ele é o tronco da família KLOH em nossa cidade. Infelizmente viveu poucos anos após sua chegada, falecendo entre 1849/50. Nasceu em Sulzheim, Alemanha, por volta de 1790. Casado na Alemanha em 1819 com Ana Eva Friedrich. Tiveram seis filhos: Johann Peter, Anton, Peter Joseph, Marie Margaret, Lorenz, Heinrich Kloh, todos nascidos em Sulzheim, na Alemanha. Na pesquisa feita da família KLOH, observamos o fato de não batizarem nenhum de seus netos e bisnetos com o nome de Konrado, prestando-lhe assim uma homenagem. Os KLOH em nossa cidade se dividiram em: "Os Kloh do Bingen" e "Os Kloh da Castelanea". Com a morte do Sr. Konrad Kloh, sua viúva Ana Eva Friedrich aforou o prazo na 1219, registro 1342, do quarteirão Bingen, que fora destinado ao seu falecido marido. Fazia frente para o caminho colonial colateral ao Rio Piabanna, depois rua Voerstadt e hoje Rua Duarte da Silveira. O prazo media 16.800 braças quadradas. Por ocasião da morte de D. Ana Eva Friedrich, o seu terceiro filho Peter Joseph, compra a parte do terreno de seus irmãos. Com a sua morte e da esposa, os filhos e herdeiros vendem parte do prazo a Antônio de Souza, vendendo para o mesmo senhor, tempos depois, o resto do terreno. O filho de Peter, Adão Kloh, compra o prazo 1213 no quarteirão Bingen, na atual Rua Duarte da Silveira. Nesse prazo foi aberta a Rua Adão Kloh e nele ainda moram seus filhos e netos. A nora de Peter, Maria Klein, comprou no quarteirão Castelânea, em 1907, o prazo 1640 -A, (registro nº 3123), hoje Rua Cristóvão Colombo Castelânea, ali morando ainda seus netos e bisnetos. O filho primogênito de Konrad Kloh, Peter Kloh, comprou um enorme terreno no quarteirão Castelanea, local hoje denominado de morro do Kloh, localizado na lombada que divide as ruas atuais Cristóvão Colombo e Olavo Bilac, antigas ruas Castelanea e Siméria. O neto de Konrad, Augusto Kloh, avô, bisavo e trisavo de todos os KLOH da Castelanea, compra em 1876 o prazo 1639, registro nº 1624, com para o rio Verna e em 1880 compra o prazo vizinho, frente n 1651, (registro nº 722) com 5.819 braças quadradas, hoje de frente para a Rua Cristóvão Colombo. Nesse local ainda hoje residem descendentes do velho Konrad Kloh. E al está o relato da família KLOH. Família que surgiu de uma pequena raíz, vinda de terras tão distantes. Do Sr. Konrad Kloh que foi o tronco da família, nasceram os galhos, multiplicaram-se as flores e os frutos e hoje, uma grande árvore frondosa. Árvore dos Kloh, da qual vocês devem se orgulhar.

Um breve relato sobre quem foram os nossos colonos.

Eram na maioria lenhadores, que arruinados pela revolução industrial que substituiu o carvão vegetal, estavam desempregados e resolveram deixar a pátria. Partiram de sua terra de origem, esquecendo a dor dos corações que alí ficaram e deles, que partiam para terras tão distantes. Ah! quantas lagrimas!

Nessa época haviam desavenças por toda a Alemanha, longas guerras e apenas restava-lhe força necessária para cultivar os campos. Os povos estavam carregados de dívidas, a indústria paralisada, as estradas abandonadas. Elevação de impostos indiretos, principalmente dos municípios, a carência de livre movimento em todas as condições rurais e a sempre crescente redução dos bens de raiz, foram as causas que determinaram a imigração dos camponeses alemães. Vieram de suas aldeias em barcos improvisados de duas velas, superlotados, encontrando mar agitado, ventos contrários que desviavam os barcos de suas rotas, prolongando ainda mais a cansativa viagem. Vieram em treze navios distintos, chegando o primeiro navio no Rio de Janeiro em 13 de junho de 1845, chegando em Petrópolis em 29 de junho de 1845, dia em que se comemora o "Dia do Colono".

Estamos vivendo numa época em que ninguém mais dá importância ao passado nem à tradição. Talvez seja pelo fato de nossa Juventude ter recebido uma educação diversa da de gerações passadas, por terem milhares de divertimentos e talvez sejamos nós mesmos, seus pais, os culpados por não estimular como deveríamos, a lembrança de nossos familiares. No entanto, nunca é tarde demais para contar a história e deixar gravado no espírito de nossos filhos e netos, a recordação de nossos antepassados. Hoje, as originárias 357 famílias germânicas, acham-se na 6ª e 7ª geração, multiplicando-se os pioneiros em muitas centenas de brasileiros, integrados completamente na vida nacional, com expoentes em todos os setores da vida pública, nas artes, forças armadas, imprensa, Indústria, comércio, Parlamento, profissões liberais, etc. O CLUBE 29 DE JUNHO, por intermédio de sua diretoria, sente-se honrado em resgatar as tradições alemães, prestando a cada mês essa homenagem a uma família dos colonos. Felicidades a todos.

Boletim "Familienfest" do Clube 29 de Junho. Homenagem à família Kloh. Texto do historiador (in memoriam) Paulo Roberto Martins de Oliveira, Membro do Instituto Histórico de Petrópolis e Vice-presidente do Clube 29 de Junho.